



ATAS

 XIV Congresso
**Ciências
Culturas e
Cidadanias**

11-13 OUTUBRO 2018

FACULDADE DE PSICOLOGIA E
DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ATAS do XIV Congresso SPCE

Ciências, Culturas e Cidadanias

COORDENAÇÃO

Ana Maria Seixas (Coord.)

António Gomes Ferreira

Isabel Menezes

Almerindo Janela Afonso

Armanda Matos

Maria Figueiredo

Cristina C. Vieira

Isabel Moio

ISBN

978-989-99775-5-6

Data

Dezembro de 2019

Local de Edição

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Nota: Os conteúdos dos textos integrantes desta obra são da responsabilidade dos/as seus/suas autores/as, não representando necessariamente a posição da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, das Comissões Organizadora e Científica do Congresso e da Coordenação destas Atas.

Apoios



048. CARACTERIZAÇÃO DAS ATITUDES DOS JOVENS FACE A SI PRÓPRIOS, IDADE E SEXO

Maria da Conceição Martins¹, Feliciano H. Veiga²

¹*Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança (PORTUGAL),
cmartins@ipb.pt*

²*Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (PORTUGAL),
fhveiga@ie.ulisboa.pt*

Resumo

A investigação das atitudes face a si próprio tem-se intensificado na área da psicologia educacional, pela relação que tem com o desenvolvimento da personalidade e o bem-estar geral dos adolescentes. Na presente investigação pretendeu-se caracterizar as atitudes dos jovens face a si próprios e conhecer como se diferenciam em função da idade e do sexo. Utilizou-se uma metodologia quantitativa, com uma amostra constituída por 1281 jovens estudantes, de ambos os sexos, com idade entre 12 e 18 anos, que frequentavam o 7.º, 9.º e 11.º ano de escolaridade, no interior do país (Bragança) e no litoral (Caldas da Rainha). Procedeu-se à aplicação do inquérito por questionário "Autoconcepto Forma 5" (AF5) (García & Musitu, 2014), com respostas estruturadas em seis níveis, pretendendo captar as perceções, pensamentos e sentimentos dos jovens. No estudo das qualidades psicométricas da escala, determinou-se a consistência interna e foram realizadas análises fatoriais, tendo-se encontrado uma estrutura multifatorial, com boas qualidades psicométricas. Os resultados mostraram um elevado número de alunos com baixas atitudes, nas diferentes dimensões (entre 37.6% e 51.4%), o que apela ao papel da escola na necessidade de uma intervenção psicossocial junto de tais alunos. Encontraram-se ainda, conforme esperado, relações estatisticamente significativas entre as atitudes face a si próprio e cada uma das variáveis idade e sexo, na generalidade das dimensões das atitudes, apresentando-se os resultados favoráveis aos alunos mais jovens e aos sujeitos do sexo masculino. Implicações para a educação de jovens serão apresentadas, valorizando o papel dos professores e da escola.

Palavras chave: atitudes face a si próprio, autoconceito, idade, sexo.

Abstract

The investigation of attitudes towards oneself has been intensifying in the field of educational psychology, due to the relation that it has with the development of the personality and the well-being of the adolescents. This research aimed to characterize young people's attitudes towards themselves and to know how they differ according to age and sex. A quantitative methodology was used, with a sample of 1281 young students of both sexes, aged between 12 and 18 years old, who attended the 7th, 9th and 11th year of schooling, in the interior of the country (Bragança) and on the coast (Caldas da Rainha). The questionnaire survey "Autoconcepto Forma 5" (AF5) (García & Musitu, 2014) was used, with structured answers in six levels, aiming to capture perceptions, thoughts and feelings of the participants. In the study of the psychometric qualities of the scale, internal consistency was determined and factorial analyzes were performed. A multifactorial structure was found, with good psychometric qualities. The results showed a high number of students with low attitudes, in the different dimensions (between 37.6% and 51.4%), which appeals to the school's role in the need for a psychosocial intervention with such students. We also found, as expected, statistically significant relationships between attitudes towards oneself and each one of the variables age and sex, in general attitudes dimensions, presenting the favorable results for the younger male students. Implications for the education of young people will be presented, valuing the role of teachers and school.

Keywords: attitudes towards oneself, self-concept, age, sex.

1. INTRODUÇÃO

No presente estudo, as “atitudes face a si próprio” são consideradas um constructo sinónimo de “autoconceito”, “conceito de si próprio”, ou “*self*”, sendo genericamente definidas como a percepção que o indivíduo tem das suas características próprias (García, 1998). A pertinência da investigação sobre a dinâmica que envolve o *self* encontra-se justificada nos inúmeros estudos efetuados ao longo do tempo, tentando a compreensão mais aprofundada do funcionamento do núcleo mais central da personalidade humana (Veiga, 2012). “As rápidas transformações da sociedade contemporânea, cada vez mais tecnológica e impessoal, exigem de cada ser humano uma identidade consigo mesmo (...) e, portanto, uma necessidade de conhecer-se a si-mesmo e de saber responder à questão “Quem sou eu?”” (Veiga, 2012, p. 25). O autoconceito é um elemento central na formação da personalidade, e um indicador da satisfação pessoal e do bem-estar psicológico, correspondendo ao conjunto de percepções que uma pessoa tem sobre si (Marsh & Craven, 2006). O autoconceito é um dos constructos mais antigos e uma área de pesquisa amplamente estudada nas ciências sociais, embora o seu estudo tenha encontrado obstáculos devidos à dificuldade encontrada pelos investigadores para fornecerem uma definição teórica do que estavam a medir nas pesquisas efetuadas.

As atitudes face a si próprio, consideradas globalmente ou em dimensões concretas, adotam-se como resultado da interação do indivíduo com outros significativos (pais, professores, ...), pelo que as atitudes e a conduta do indivíduo não são os mesmos em todos os âmbitos e contextos. Isto implica “a não existência de um autoconceito, mas sim uma variedade de autoconceitos com diferentes graus de importância” (Veiga, 2012, p. 33). A partir dos anos 80 verificou-se uma mudança importante para uma perspetiva teórica multidimensional e hierárquica do autoconceito (Marsh, Byrne & Shavelson, 1988; Shavelson, Hubner, & Stanton, 1976). De acordo com a perspetiva atual, o autoconceito de uma pessoa é formado através da sua experiência e das interpretações que faz do ambiente em que se insere, baseadas na sua avaliação pessoal e no *feedback* de outros significativos sobre o seu comportamento. O autoconceito começa a formar-se nos primeiros anos de vida e, à medida que as pessoas evoluem da infância para a idade adulta, torna-se mais diversificado e multidimensional, mas necessita de um longo processo para se consolidar. Contudo, não se trata de uma consolidação definitiva e, embora seja a estrutura mais estável da identidade do sujeito, algumas crenças mais periféricas vão sofrendo mudanças que refletem as capacidades transitórias relativas à idade, bem como as experiências que o sujeito vai acumulando (Eccles, Wigfield, Harold & Blumfield, 1993; Marsh & Ayotte, 2003; Marsh, Craven & Debus, 1991; Musitu, Buelga, Lila & Cava, 2004). Vários autores salientam que o autoconceito é um importante fator a ter em consideração no estudo da psicologia dos adolescentes, dado que a promoção do autoconceito está associada a benefícios académicos, sociais e comportamentais, como o aumento do envolvimento escolar e do desempenho escolar e o ajustamento psicossocial na adolescência (Agrawal & Teotia, 2015; Craven & Marsh, 2008; Fuentes, García, Gracia & Alarcón, 2015; Fuentes, García, Gracia & Lila, 2011; Marsh & Craven, 2006; Peixoto & Almeida, 2011; Rodríguez-Fernández, Droguett & Revuelta, 2012; Veiga, 1989; Veiga, García, Reeve, Wentzel, & García, 2015).

Apresenta-se seguidamente uma sistematização da informação sobre a conceptualização das atitudes dos jovens face a si próprios, bem como da relação entre as mesmas e as variáveis idade e sexo.

2. ATITUDES FACE A SI PRÓPRIO: CONCEPTUALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO

As atitudes face a si mesmo correspondem a um conceito multidimensional, suscetível de desenvolvimento diferencial, como se verifica em muitos dos estudos revistos. A importância do estudo do autoconceito tem vindo a crescer, dado tratar-se de um constructo com grande relevância educativa, nomeadamente na adolescência, uma vez que “educar o autoconceito tem repercussão numa série de áreas, a nível emocional, académico, social e familiar”, “dada a incidência deste fator sobre o rendimento académico e o desenvolvimento de diretrizes de desempenho sociopessoal” (García, 1998, p. 15). Atualmente, o autoconceito é um constructo central na psicologia, que permite que o indivíduo se conheça a si-próprio, como também o ajuda a explicar a adequação dos seus próprios comportamentos de acordo com o contexto dos sujeitos. Estas auto percepções influenciam a maneira como a pessoa atua e estes atos, por sua vez, influenciam a percepção que a pessoa faz de si própria, pelo que o autoconceito é importante, tanto como um resultado, mas também como uma variável mediadora, que ajuda a explicar

outros resultados (Marsh, 2006; Shavelson et al., 1976). É, por isso, consensual que o modo como o indivíduo julga que é percebido pelos outros, bem como as imagens que tem de si mesmo, vão contribuir para o seu autoconceito (Veiga, 2006).

Um dos aspetos que tornou o modelo desenvolvido por Shavelson e colaboradores (1976) mais consistente e marcante no estudo do autoconceito foi o facto de terem feito uma abordagem sistemática à validade do constructo nos estudos clássicos, argumentando que a mesma forneceria um modelo para a construção de instrumentos de avaliação do autoconceito, para a conceção de estudos sobre a estrutura interna do mesmo, para testes sobre as relações com outros constructos e, eventualmente, para a rejeição e revisão da definição teórica inicial (Marsh, 2006; Marsh & Shavelson, 1985). Nesse sentido, são de salientar as investigações realizadas por Marsh e Shavelson (1985) destinadas a avaliar o autoconceito em sete dimensões de primeira ordem (aparência física, habilidades físicas, relações entre pares, relações com os pais, leitura, matemática e escola) em crianças e adolescentes. Os resultados dessa investigação revelaram que o autoconceito em relação à leitura e em relação à matemática não estavam correlacionados, o que levou os autores a propor um modelo revisto, conhecido como o modelo Marsh-Shavelson, igualmente ordenado de forma hierárquica, mas com uma hierarquia mais complexa, onde a dimensão académica do autoconceito passou a ser representadas por duas dimensões de ordem superior (autoconceito académico verbal e autoconceito académico matemático) (Marsh & Shavelson, 1985; Peixoto & Almeida, 2011; Veiga, 2012) e um autoconceito geral, de terceira ordem.

Desde então, foi desenvolvido um vasto conjunto de instrumentos de avaliação do autoconceito, entre os quais se podem salientar: o “Self Description Questionnaire” (SDQ I, II e III; Shavelson et al., 1976; Marsh & O’Niell, 1984); o Questionário “Autoconcepto Forma 5” (AF5; García & Musitu, 1999); a “Piers-Harris Children’s Self Concept Scale” (PHSCS, Piers & Harris, 1964; Veiga, 1989). Estes métodos (autodescritivos) prevêm a obtenção de resultados com base naquilo que o sujeito transmite ao posicionar-se acerca da forma como pensa sobre si mesmo (Veiga, 2012). A escala “Autoconcepto Forma 5” (AF5) foi publicada pela primeira vez em 1999, validada com uma amostra de 6483 participantes, com idades entre 10 e 62 anos e mede o autoconceito em cinco dimensões: académica/profissional, familiar, física, social e emocional (García & Musitu, 1999; 2014). Atualmente é um dos instrumentos de avaliação do autoconceito mais amplamente utilizados em língua espanhola, com aplicações a jovens de vários outros países, com bons indicadores psicométricos, e um dos poucos que mede o autoconceito de forma multidimensional (Coelho, Marchante & Romão, 2015; García, Gracia & Zeleznova, 2013; García, Musitu & Veiga, 2006; García, Musitu, Riquelme & Riquelme, 2011). A Piers-Harris Children’s Self Concept Scale (Piers & Harris, 1964) é um questionário autodescritivo, que avalia as dimensões comportamental, estatuto intelectual e escolar, aparência e atributos físicos, ansiedade, popularidade e satisfação/felicidade. Foi criado por Piers e Harris (1964) e adaptada à população portuguesa por Veiga (1989), passando a ser um dos instrumentos mais utilizados na investigação científica por investigadores, educadores e clínicos (Frade & Veiga, 2014; Veiga, 1989; 2012; Veiga & Leite, 2016; Veiga, Robu, Appleton, Festas & Galvão, 2014).

3. ATITUDES FACE A SI PRÓPRIO: ESTUDOS EMPÍRICOS

Neste ponto é apresentada uma descrição dos estudos empíricos que relacionam as atitudes face a si próprio (autoconceito) e cada uma das variáveis estudadas: idade e sexo.

3.1. Atitudes face a si próprio e idade

Os estudos empíricos que relacionam as atitudes face a si próprio – autoconceito – com a idade não têm permitido afirmar um tipo de tendência quanto à relação entre estas variáveis ao longo da vida. Os estudos que utilizam instrumentos de avaliação mais sensíveis, mostram que este se desenvolve de forma complexa, com algumas dimensões a registar um aumento com a idade, outras a diminuir e outras a permanecer estáveis (Veiga, 2012). Simultaneamente, a perspetiva teórica a partir da qual se investiga também influencia as explicações atribuídas aos resultados obtidos.

Na revisão da literatura sobre os estudos empíricos que abordam a relação entre estas duas variáveis, constatou-se que a generalidade dos autores salientam que o desenvolvimento do autoconceito está relacionado com diversos outros fatores, incluindo o desenvolvimento cognitivo individual e o aumento do número de interações sociais, levando a que, com a idade,

as autopercepções se tornem progressivamente mais complexas (Coelho et al., 2015; Cole et al., 2001; Craven & Marsh, 2008; Eccles et al., 1993; Marsh, 1989; Marsh et al., 1991; 1998; Veiga, 2012; Wigfield et al., 1997). As causas apontadas para as diferenças no autoconceito remetem para a associação com os estádios de desenvolvimento em que os sujeitos se encontram e com o desenvolvimento das relações interpessoais que estes estabelecem, as quais constituem um fator muito influente. À medida que a idade avança, as crianças começam a basear a sua autopercepção no desempenho real que constatarem e em critérios externos inferidos a partir de outros significativos, levando a uma redução progressiva do seu autoconceito durante a adolescência. Esta disrupção será devida às características próprias da adolescência e ao contexto social externo à escola (um tempo associado a transições da puberdade, cognitivas e educacionais) e ao surgimento de estruturas cognitivas mais complexas, pelo que se torna relevante compreender as especificidades psicológicas de cada etapa do ciclo de vida das pessoas para se desenvolver estratégias educativas e de intervenção adequadas (Agrawal & Teotia, 2015; Byrne, 1996; Marsh & Ayotte, 2003; O'Mara, Marsh, Craven, & Debus, 2006). No final da adolescência verificam-se aumentos e diminuições em vários domínios do autoconceito, mas sem evidências de desestabilização.

Muitos dos estudos revistos salientam, assim, que o autoconceito aumenta e estabiliza em períodos temporais que não são interrompidos por transições disruptivas a nível desenvolvimental, social e educacional. Nesse sentido, várias pesquisas sugerem um padrão razoavelmente consistente de evolução do autoconceito com a idade, o qual diminui no início da adolescência, estabilizando e, em seguida, aumentando pelo menos até ao início da idade adulta (Coelho et al., 2015; Fontaine, 1991; Faria, Taveira, Nogueira & Veiga, 2012; Marsh, 1989; Marsh & Ayotte, 2003; Marsh et al., 1991, 1998; Musitu et al., 2001; Peixoto & Mata, 1993; Shavelson et al., 1976; Wigfield et al., 1997).

Marsh (1989), obteve resultados que permitiram concluir que algumas dimensões do autoconceito (académico, social e físico) aumentavam entre o 3.º e o 6.º ano de escolaridade, depois apresentavam uma diminuição após o 7.º ano, mas voltavam a aumentar após o 9.º ano, estabilizando a partir daí. Um estudo desenvolvido por Peixoto e Mata (1993) revelou um decréscimo nos valores das autopercepções entre o 3.º e o 6.º ano de escolaridade, no que se refere aos domínios da competência escolar, competência atlética e aparência física. Cole e colaboradores (2001) efetuaram uma investigação longitudinal com jovens entre o 3.º ano e o 11.º ano, tendo constatado que, durante a fase final da infância (3.º ao 6.º ano), existiu um aumento moderado a forte da autopercepção das competências académicas, sociais e desportivas. Na transição do 6.º para o 7.º ano, verificaram uma desestabilização na maior parte dos domínios e redução em alguns desses domínios. Na transição entre a pré-adolescência e a adolescência média (8.º e 9.º ano), verificaram aumentos e diminuições em vários domínios do autoconceito, mas sem evidências de desestabilização. Marsh e Ayotte (2003) concluíram que, entre o 2.º ao 6.º ano de escolaridade, os alunos tornam-se mais eficientes nas suas autoavaliações, o que resulta num declínio em termos médios no seu autoconceito com a idade, embora com uma diferenciação modesta no autoconceito académico. Faria e colaboradores (2012), com alunos com idade entre 12 e 16 anos, registaram diferenças significativas, com os mais novos a apresentar valores de ansiedade e comportamento mais elevados. Coelho e colaboradores (2015), num estudo com a escala AF5 aplicada a 1619 estudantes portugueses com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos, obtiveram resultados que mostram que, à medida que a escolaridade aumenta, os autoconceitos académico, físico e emocional diminuem. Contudo, algumas pesquisas encontraram resultados diferentes, sugerindo a necessidade de aprofundamento dos estudos, quer através da utilização de amostras mais amplas, quer através da utilização de instrumentos mais sensíveis e ajustados às faixas etárias estudadas.

3.2. Atitudes face a si próprio e sexo

Nas últimas duas décadas tem existido um aumento do número de estudos empíricos sobre diferenças nas atitudes face a si próprio – autoconceito – e o sexo. A revisão da literatura efetuada permite concluir que a maioria dos estudos aponta para a existência de diferenças em várias dimensões do autoconceito em função do género (Coelho et al., 2015; Cole et al., 2001; Eccles et al., 1993; Faria et al., 2012; Fuentes et al., 2011; Fuentes et al., 2015; Rodrigues, Veiga, Fuentes, & García, 2013; Wigfield et al., 1997).

Num estudo longitudinal com estudantes entre o 3.º e 11.º ano, Cole e colaboradores (2001) constataram que os rapazes pré-adolescentes obtiveram valores mais elevados nas dimensões desportiva e física, enquanto as raparigas mostraram melhor autoconceito comportamental. Durante a adolescência os rapazes mantiveram uma autopercepção superior à

das raparigas nas dimensões desportiva e física, embora a diferença reduza, uma vez que as raparigas registam um aumento, ainda que moderado, no autoconceito físico. Estudando a relação entre o autoconceito e diversos indicadores de ajustamento psicossocial em adolescentes com idade entre os 12 e os 17 anos, Fuentes e colaboradores (2011) concluíram que as raparigas apresentavam um melhor ajustamento psicológico, menos problemas comportamentais e mais competências pessoais do que os rapazes. Faria e colaboradores (2012) registaram diferenças significativas de acordo com o sexo em alunos portugueses, com idade entre 12 e 16 anos, nomeadamente entre os mais novos, com os rapazes a evidenciar um autoconceito superior nas dimensões ansiedade e popularidade, do que as raparigas, enquanto estas apresentaram autoconceito mais elevado na dimensão física. Coelho e colaboradores (2015), num estudo com alunos portugueses com idades entre os 8 e os 18 anos, usando a escala AF5, concluíram que as raparigas têm resultados superiores no autoconceito académico enquanto os rapazes apresentaram resultados superiores no autoconceito emocional e físico. Fuentes e colaboradores (2015) mostraram que os rapazes com idades entre os 12 e 17 anos apresentavam níveis superiores no autoconceito emocional e físico, enquanto as raparigas apresentavam níveis mais altos em alguns domínios do autoconceito académico.

Para alguns autores, as diferenças encontradas em dimensões específicas do autoconceito podem ser explicadas à luz dos estereótipos sexuais (Byrne & Shavelson, 1986; Marsh, 1985; Peixoto & Mata, 1993; Veiga, 2012), de acordo com os quais, os homens identificam-se com papéis que implicam competência e agressividade, enquanto as mulheres se descrevem como carinhosas, expressivas e preocupadas com a filiação social. Na adolescência, tanto a natureza das relações sexuais, como as normas sociais que as regulam possibilitam relações com significados pessoais relevantes para o desenvolvimento do autoconceito, levando a que os rapazes apresentem níveis superiores de autoconceito nas dimensões física e na matemática, enquanto as raparigas apresentem autoconceito mais alto nos domínios comportamental e social.

No entanto, nem todas as pesquisas encontram resultados consistentes com os estereótipos tradicionais. Alguns estudos não encontraram diferenças significativas entre sexo em qualquer dimensão do autoconceito. Por exemplo, Agrawal e Teotia (2015), numa investigação realizada com estudantes de Deli, com 15 a 16 anos, não encontraram diferença significativa entre sexos nas várias dimensões do autoconceito, exceto no autoconceito socioeconómico, o qual se apresentou superior nas raparigas. Estes resultados mostram que faltam estudos mais sistematizados e aprofundados, nomeadamente na faixa etária correspondente à adolescência, para perceber a influência conjunta de outras variáveis pessoais e sociais na relação entre as atitudes face a si próprio e o sexo.

4. METODOLOGIA

A presente investigação tem como objetivo procurar respostas para o problema de investigação: *Como se caracterizam as atitudes dos jovens alunos face a si próprios, como se relacionam as dimensões das mesmas com a idade e como se diferenciam em função do sexo?* As atitudes não podem ser observadas nem medidas diretamente, pelo que são denominadas variáveis latentes, mas podem ser observadas e medidas a partir de um conjunto de outras variáveis, designadas variáveis componentes. Conhecer como se caracterizam e conhecer como se diferenciam as atitudes face a si próprio em função da idade e em função do sexo poderá contribuir para se saber como atuar para promover uma mudança mais acentuada e consistente das mesmas. A opção metodológica que se revelou mais adequada ao âmbito e objetivo deste estudo foi a investigação quantitativa, mediante a aplicação de um inquérito por questionário, para captar diretamente as perceções, pensamentos e sentimentos dos participantes.

Optou-se por trabalhar com estudantes adolescentes portugueses, baseado na informação recolhida na literatura de referência. A amostra foi constituída por 1281 jovens estudantes que frequentavam o 7.º, 9.º e 11.º ano de escolaridade, metade no interior do país (Bragança) e metade no litoral (Caldas da Rainha). A idade dos alunos variou entre os 12 e os 18 anos, com uma média de 14,6 anos (DP = 1,84). No total da amostra, 53.3% dos sujeitos eram do sexo feminino e 46.4% do sexo masculino.

O inquérito utilizado consistiu no questionário “Autoconcepto Forma 5” (AF5) (García & Musitu, 2014), organizado como escala de Likert, com respostas estruturadas em seis níveis, adaptado para a população. Previamente à aplicação do inquérito foi efetuado o pedido de autorização à equipa de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar do Ministério da Educação e foram contactados os Diretores de cada um dos seis Agrupamentos de Escolas participantes

no estudo. A recolha de dados foi realizada em sala de aula, com a presença da investigadora, mas sem a interferência na produção das respostas por parte dos sujeitos.

A consistência interna ou fiabilidade da escala foi efetuada através da análise exploratória dos dados recorrendo à estatística *alfa de Cronbach* e a relação entre os itens (variáveis componentes) foi estudada com base na identificação dos fatores (dimensões) que compõem a escala, através de análises fatoriais em cada uma delas. No tratamento dos dados foram efetuadas análises correlacionais e diferenciais.

5. RESULTADOS

Seguidamente são apresentados os processos de análise estatística considerados pertinentes para organizar e extrair a informação constante nos dados recolhidos, tendo em vista obter respostas para as questões de investigação formuladas.

5.1. Caracterização das atitudes face a si próprio

A estatística descritiva permitiu organizar a informação sobre as atitudes face a si próprio (autoconceito), sistematizando os dados relativos à amostra. Em resposta à primeira questão de estudo (*Como se distribuem os alunos adolescentes pelas dimensões das atitudes face a si próprio, em termos de baixas ou altas atitudes?*), os dados foram organizados em duas classes (atitudes baixas *versus* atitudes altas) em cada uma das dimensões do autoconceito, tendo-se adotado como critério de corte o valor da respetiva média: *Autoconceito académico* = 26.5, *Autoconceito físico* = 26.7, *Autoconceito familiar* = 31.0, *Autoconceito emocional* = 19.7, *Autoconceito social* = 28.4, *Autoconceito total* = 132.2.

Na classe atitudes baixas incluíram-se os valores inferiores à média e na classe atitudes altas incluíram-se os valores iguais ou superiores à média (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos alunos pelas dimensões das atitudes face a si próprio, em termos da percentagem de sujeitos com baixas ou altas atitudes

Dimensões	Baixas (%)	Altas (%)
<i>Autoconceito académico (AAc)</i>	48.8	51.2
<i>Autoconceito físico (AFi)</i>	44.2	55.8
<i>Autoconceito familiar (AFa)</i>	37.6	62.4
<i>Autoconceito emocional (AEm)</i>	51.4	48.6
<i>Autoconceito social (ASo)</i>	43.9	56.1
<i>Autoconceito total (ATotal)</i>	47.8	52.2

No total da escala observa-se um elevado número de alunos com baixas atitudes (47.8%) face à média. Merece destaque que, em todas as dimensões, existe uma percentagem notória de alunos com autoconceito baixo, entre 37.6% e 51.4%. A merecer atenção está, ainda, a quantidade de alunos com baixo autoconceito na dimensão *Autoconceito emocional*, na qual se verifica uma percentagem de baixas atitudes superior à média (51.4%). Na dimensão *Autoconceito académico* os resultados são muito próximos do valor médio, verificando-se que o número de alunos que apresenta atitudes altas corresponde apenas a 51.2%.

5.2. Atitudes face a si próprio e idade

A análise dos resultados apresentada a seguir pretendeu dar resposta à questão de estudo: *Que relações existem entre as dimensões das atitudes face a si próprio e a idade?* Para esse efeito, efetuou-se o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson (*r*), com base nas respostas obtidas ao questionário “Autoconceito Forma 5” (AF5). Os resultados da correlação entre as dimensões das atitudes e a idade são indicados na Tabela 2.

Tabela 2. Correlações entre as dimensões das atitudes face a si próprio e a idade

Dimensões Autoconceito	Académico	Físico	Familiar	Emocional	Social	Total
<i>R</i>	-.20**	-.11**	-.13**	-.03	-.12**	-.17**

** $p < .01$

Merece destaque que todas as correlações obtidas entre as atitudes face a si próprio e a idade apresentam valores negativos, mostrando que as atitudes diminuem à medida que a idade aumenta. As correlações são estatisticamente significativas ($p < .01$) no *Autoconceito total* e em todas as dimensões estudadas, exceto na dimensão *Autoconceito emocional*. Assim, as atitudes face a si próprio diminuem com a idade, no *Autoconceito total* ($r = -.17$) e nas dimensões *académica* ($r = -.20$), *física* ($r = -.11$), *familiar* ($r = -.13$) e *social* ($r = -.12$).

5.3. Atitudes face a si próprio e sexo

A análise dos resultados apresentada a seguir pretendeu dar resposta à questão de estudo (*Quais as diferenças em cada uma das dimensões das atitudes face a si próprio, entre sujeitos do sexo feminino e masculino?*). Tratando-se de uma variável nominal com dois níveis, utilizou-se o teste T em amostras independentes (t), com o objetivo de averiguar se as médias das atitudes face a si próprio no sexo feminino e no sexo masculino diferem devido ao acaso ou se haverá diferenças, de facto, na população de onde foram recrutados os dois grupos em análise. Na Tabela 3, apresentam-se as medidas descritivas das atitudes face a si próprio apresentadas pelos dois grupos em estudo, bem como o resultado do teste T e o nível de significância estatística resultantes da comparação entre as médias, em cada uma das dimensões e no total da escala.

Tabela 3. Média, desvio-padrão e número de sujeitos nas dimensões das atitudes face a si próprio, em função do sexo

Dimensões	Sexo	N	Média	D.P.	t
Autoconceito académico	Masculino	579	26.19	5.93	-1.76 ns
	Feminino	676	26.76	5.54	
Autoconceito físico	Masculino	582	28.31	5.76	8.68 ***
	Feminino	678	25.34	6.29	
Autoconceito familiar	Masculino	585	31.00	4.65	0.28 ns
	Feminino	679	30.92	5.12	
Autoconceito emocional	Masculino	581	22.22	6.65	12.84 ***
	Feminino	677	17.62	6.07	
Autoconceito social	Masculino	590	29.01	5.08	3.75 ***
	Feminino	679	27.87	5.69	
Autoconceito total	Masculino	551	136.60	17.91	7.75 ***
	Feminino	659	128.46	18.41	

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$; ns - não significativa

Analisando os resultados obtidos no teste T, verifica-se que há diferenças significativas nas atitudes face a si próprio entre os rapazes e as raparigas no *Autoconceito total* ($t = 7.75$, $p < .001$), assim como nas dimensões *Autoconceito físico* ($t = 8.68$, $p < .001$), *emocional* ($t = 12.84$, $p < .001$) e *social* ($t = 3.75$, $p < .001$). Os sujeitos do sexo masculino expressam atitudes face a si próprios mais altas do que os sujeitos do sexo feminino. Merece destaque o resultado obtido no *Autoconceito emocional*, por ser a dimensão onde a diferença entre as médias apresentadas pelos dois grupos é maior, ou seja, onde o efeito diferenciador do sexo é mais expressivo.

6. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O constructo atitudes face a si próprio – autoconceito – é um elemento central na formação da personalidade, correspondendo ao conjunto de perceções que uma pessoa tem sobre si, baseadas na sua avaliação pessoal e no *feedback* de outros significativos. O autoconceito começa a formar-se nos primeiros anos de vida, mas não se trata de uma consolidação definitiva. Embora seja a estrutura mais estável da identidade do sujeito, vai sofrendo mudanças que refletem, por um lado, as capacidades transitórias relativas à idade e, por outro, as experiências que o sujeito vai acumulando. Os estudos revistos salientam a existência de uma relação complexa entre o autoconceito e cada uma das variáveis, idade e sexo, com resultados diferentes

consoante as dimensões consideradas. Com esta investigação pretendeu-se contribuir para aumentar o conhecimento acerca destas relações, nomeadamente no período da adolescência.

No presente estudo verificou-se um elevado número de alunos com baixas atitudes face a si próprios (47.8%), o que deve merecer a melhor atenção por parte dos professores e dos responsáveis pelo sistema de ensino, mas também pelas famílias e pela comunidade, uma vez que os alunos com um autoconceito baixo tendem a não acreditar nas suas potencialidades, a ter menos confiança em si próprios, a relacionar-se pior com as outras pessoas, a temer mais o erro e a ser menos perseverantes nas atividades em que se envolvem, incluindo nas atividades escolares (Senos, 1997; Veiga, 1996; 2005). Embora estejam na linha de resultados obtidos noutros estudos empíricos, são merecedores de enorme preocupação os resultados obtidos no *Autoconceito emocional*, onde se verifica mesmo que a percentagem dos alunos que apresenta baixas atitudes (51.4%) é superior à média. Os resultados na dimensão *Autoconceito académico* acompanham também os obtidos por outros autores, uma vez que o número de alunos que apresenta baixas atitudes é também muito elevado (48.8%).

Nesta investigação obtiveram-se correlações estatisticamente significativas, e negativas, entre as pontuações obtidas no autoconceito com a idade, no *Autoconceito total* e em todas as dimensões estudadas, exceto na dimensão *Autoconceito emocional*, corroborando os estudos empíricos, os quais referem que, na pré-adolescência e início da adolescência, as atitudes face a si próprio diminuem à medida que a idade aumenta (Coelho et al., 2015; Fontaine, 1991; Faria, Taveira, Nogueira & Veiga, 2012; Marsh, 1989; Marsh & Ayotte, 2003; Marsh et al., 1991, 1998; Musitu et al., 2001; Peixoto & Mata, 1993; Shavelson et al., 1976; Wigfield et al., 1997). Considerando que a diminuição do autoconceito é uma tendência geral na adolescência, torna-se necessário que nas escolas seja reforçada a dinamização de atividades letivas e extralectivas que estimulem a sua perseverança e promovam relações interpessoais positivas diversificadas.

Nesta pesquisa, ocorreram diferenças significativas nas atitudes face a si próprio em função do sexo, favoráveis aos sujeitos do sexo masculino, no *Autoconceito total*, assim como nas dimensões *Autoconceito físico*, *emocional* e *social*, corroborando os resultados obtidos por outros autores (Coelho et al., 2015; Cole et al., 2001; Eccles et al., 1993; Faria et al., 2012; Fuentes et al., 2011; Fuentes et al., 2015; Rodrigues et al., 2013; Wigfield et al., 1997), os quais indicam a existência de diferenças significativas favoráveis ao sexo masculino frequentes nas dimensões física e emocional e no domínio da matemática, enquanto as raparigas apresentaram atitudes mais altas na dimensão social e no domínio comportamental. Na análise por dimensões, esta investigação corrobora apenas parcialmente os resultados apontados por esses autores. No *Autoconceito académico* não se registaram diferenças significativas entre as atitudes manifestadas por ambos os sexos, embora deva ser salientado que, na escala utilizada, o *Autoconceito académico* não surge desagregado por domínios. Por outro lado, no *Autoconceito social*, ocorreram diferenças significativas nas atitudes em função do sexo, mas favoráveis aos sujeitos do sexo masculino. Alguns autores consideram que as diferenças encontradas em dimensões específicas do autoconceito podem ser explicadas à luz dos estereótipos sexuais (Byrne & Shavelson, 1986; Marsh, 1985; Peixoto & Mata, 1993; Veiga, 2012). E, embora nem todas as pesquisas encontrem resultados consistentes diferentes dimensões com os estereótipos tradicionais, esse é um tema que deve merecer a preocupação de todos. As diferenças significativas aqui encontradas, sempre desfavoráveis ao sexo feminino, refletem a insuficiência dos esforços feitos até ao momento, convocando toda a comunidade educativa para uma reflexão aprofundada sobre o que é necessário mudar, tendo em vista uma melhoria das atitudes dos jovens face a si próprios, nomeadamente no sexo feminino.

Todos os resultados aqui apresentados conduzem ao reconhecimento da importância (e urgência) de reforçar o papel da escola em termos de intervenção psicossocial junto dos alunos, para aumentar o seu autoconceito, nomeadamente na pré-adolescência e início da adolescência e no sexo feminino.

REFERÊNCIAS

- Agrawal, M., & Teotia, A. K. (2015). Academic Achievement and Self-Concept of Secondary Level Students. *Int Education & Res Journal* 1(3), 26-33.
<http://ierj.in/journal/index.php/ierj/article/view/29>
- Byrne, B. M., & Shavelson, R. J. (1996). On the structure of social self-concept for pre-, early, and late adolescents: a test of the Shavelson, Hubner, and Stanton (1976) model.

- Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 599-613.
<http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.599>
- Cole, D. A., Maxwell, S. E., Martin, J. M., Peeke, L. G., Seroczynski, A. D., Tram, J. M., ...Maschman, T. (2001). The Development of Multiple Domains of Child and Adolescent Self-Concept: A Cohort Longitudinal Design. *Child Development*, 72(6), 1723-1746.
<http://dx.doi.org/10.1111/1467-8624.00375>
- Craven, R. G., & Marsh, H. W. (2008). The centrality of the self-concept construct for psychological wellbeing and unlocking human potential: implications for child and educational psychologists. *Educational and Child Psychology*, 25(2), 104-118.
- Eccles, J. S., Wigfield, A., Harold, R. D., & Blumenfeld, P. (1993). Age and gender differences in children's self- and task perceptions during elementary school. *Child Development*, 64(3), 830-847. <http://dx.doi.org/10.2307/1131221>
- Frade, A. S., & Veiga, F. H. (2014). Na assessment scale for trainee engagement in the Portuguese navy. In Proceedings of EDULEARN14 Conference (pp. 7493- 7501). Barcelona.
- Fuentes, M. C., García, F., Gracia, E., & Alarcón, A. (2015). Parental socialization styles and psychological adjustment: A study in Spanish adolescents. *Revista de Psicodidáctica*, 20(1), 117-138. <http://dx.doi.org/10.1387/RevPsicodidact.10876>
- Fuentes, M. C., García, J. F., Gracia, E., & Lila, M. (2011). Autoconcepto y ajuste psicosocial en la adolescencia. *Psicothema*, 23(1), 7-12.
- García, I. S. (1998). *Autoconcepto y adolescencia. Teoría, medida y multidimensionalidad*. Didáctica i Psicopedagogia, 8. Palma: Universitat Illes Balears.
- García, J. F., Musitu, G., Riquelme, E., & Riquelme, P. (2011). A confirmatory factor analysis of the «Autoconcepto Forma 5» questionnaire in young adults from Spain and Chile. *Spanish Journal of Psychology*, 14(2), 648-658.
http://dx.doi.org/10.5209/rev_SJOP.2011.v14.n2.13
- García, J. F., & Musitu, G. (1999). AF5: *Autoconcepto Forma 5*. Madrid: Tea ediciones.
- García, J. F., & Musitu, G. (2014). AF5: *Autoconcepto forma 5* (4.ª Ed.). Madrid: TEA.
- García, J. F., Gracia, E., & Zeleznova, A. (2013). Validation of the English version of the Five-Factor Self-Concept Questionnaire. *Psicothema*, 25(4), 549-555.
<http://dx.doi.org/10.7334/psicothema2013.33>
- García, J. F., Musitu, G., & Veiga, F. (2006). Autoconcepto en adultos de España y Portugal. *Psicothema*, 18(3), 551-556. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=72718334>
- Marsh, H. W., & Ayotte, V. (2003). Do multiple dimensions of self-concept become more differentiated with age? The differential distinctiveness hypothesis. *Journal of Educational Psychology*, 95(4), 687-706. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0663.95.4.687>
- Marsh, H. W., & Shavelson, R. J. (1985). Self-concept: its multifaceted, hierarchical structure. *Educational Psychologist*, 20(3), 107-123.
http://dx.doi.org/10.1207/s15326985ep2003_1
- Marsh, H. W. (1989). Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: Preadolescence to early adulthood. *J. Educational Psychology*, 81(3), 417-430.
<http://dx.doi.org/10.1037/0022-0663.81.3.417>
- Marsh, H. W., & Craven, R. G. (2006). Reciprocal effects of self-concept and performance from a multidimensional perspective beyond seductive pleasure and unidimensional perspectives. *Perspectives on Psychological Science*, 1(2), 133-163. DOI: 10.1111/j.1745-6916.2006.00010.x

- Marsh, H. W., Byrne, B. M., & Shavelson, R. J. (1988). A multifaceted academic self-concept: Its hierarchical structure and its relation to academic achievement. *Journal of Educational Psychology, 80*(3), 366-380. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0663.80.3.366>
- Marsh, H. W., Craven, R. G., & Debus, R. (1991). Selfconcepts of young children 5 to 8 years of age: Measurement and multidimensional structure. *Journal of Educational Psychology, 83*, 377-392.
- Musitu, G., Buelga, S. Lila, M., & Cava, M. J. (2004). *Familia y adolescencia* (2.ª Ed.), Madrid: Editorial Síntesis.
- O'Mara, A. J., Marsh, H. W., Craven, R. G. & Debus, R. L. (2006). Do self-concept interventions make a difference? A synergistic blend of construct validation and meta-analysis. *Educ. Psychologist, 41*(3), 181-206. http://dx.doi.org/10.1207/s15326985ep4103_4
- Peixoto, F. & Almeida, L. S. (2011). A Organização do Autoconceito: Análise da Estrutura Hierárquica em Adolescentes. *Psic: Reflexão e Crítica, 24*(3), 533-541. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722011000300014>
- Rodrigues, Y., Veiga, F., Fuentes, M. C., & García, F. (2013). Parenting and adolescents' self-esteem: The Portuguese context. *Revista de Psicodidáctica, 18*(2), 395-416. <http://dx.doi.org/10.1387/RevPsicodidact.6842>
- Rodríguez-Fernández, A., Droguett, L. & Revuelta, L. (2012). School and personal adjustment in adolescence: The role of academic self-concept and perceived social support. *R. Psicodidáctica, 17*(2), 397-414. <http://dx.doi.org/10.1387/Rev.Psicodidact.4496>
- Shavelson, J., Hubner, J. J., & Stanton, G. C. (1976). Autoconceito: validation of construct interpretations. *Review of Educational Research, 46*(3), 407-442.
- Veiga, F. H., García, F., Reeve, J., Wentzel, K. & García, O. (2015). When adolescents with high self-concept lose their engagement in school. *Revista de Psicodidáctica, 20*(2), 305-320. <http://dx.doi.org/10.1387/RevPsicodidact.12671>
- Veiga, F. H., Robu, V., Appleton, J., Festas, I., & Galvão, D. (2014). Students' engagement in school: Analysis according to self-concept and grade level. In Proceedings of EDULEARN14 Conference (pp. 7476-7484). Barcelona.
- Veiga, F. H. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito: Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHSCS-2). *Psicologia e Educação, 2*, 39-48.
- Veiga, F. H. (2012). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola* (3.ª Ed.). Lisboa: Fim de Século.
- Veiga, F. H., & Leite, A. (2016). Adolescents' Self-concept Short Scale: A version of PHSCS. *Procedia-Social and Behavioral Sciences, 217*, 631-637. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2016.02.079>
- Wigfield, A., Eccles, J. S., Yoon, K. S., Harold, R. D., Arbretton, A. J. A., Freedman-Doan, C. F., & Blumenfeld, P. D. (1997). Change in children's competence beliefs and subjective task values across the elementary school years: A 3-year study. *Journal of Educational Psychology, 89*, 451-469.